

**A AÇÃO CARISMÁTICA
E SANTIFICANTE DO
ESPÍRITO**



RANIERO CANTALAMESSA

RANIERO CANTALAMESSA



A AÇÃO CARISMÁTICA E SANTIFICANTE DO ESPÍRITO [*]

Texto traduzido por IA (ChatGPT)
do original italiano

[*] Conferência proferida no Centro Pro Unione, quarta-feira, 29 de novembro de 2006, por ocasião do centenário de Azusa Street 1906 – 2006, “O estimulante poder dos dons do Espírito” (Boletim do Centro Pro Unione n.º 72, Outono 2007). Publicado com autorização.

A ação carismática e santificante do Espírito na Bíblia

Foi-me pedido que falasse da “possível genealogia das manifestações do Espírito: frutos, dons, carismas, graça do batismo...”. A minha intenção é deter-me na primeira distinção fundamental e na hierarquia entre as diversas manifestações do Espírito.

Na Bíblia emergem duas linhas de ação, uma após a outra, relativas à manifestação do Espírito.

A primeira, que poderíamos chamar linha carismática, é a que apresenta o Espírito como uma potência que, em certas ocasiões, irrompe em pessoas especiais, dando-lhes a capacidade de fazer coisas para além de qualquer capacidade humana. O Espírito desce sobre alguém e enche essa pessoa de sabedoria, ou de talento artístico para o embelezamento do Templo (Es 31, 3; 35, 31); desce sobre outra e enche-a do dom da profecia (Mi 3, 8), ou de dons como a extraordinária capacidade de governar (Is 11, 2), ou uma força física sobrenatural a usar para salvar as pessoas (Gd 13, 25).

A segunda linha, a da santificação, começa a ser percebida mais tarde, nos Profetas e nos Salmos depois do exílio. Em Ezequiel Deus anuncia: “Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo [...]. Porei dentro de vós o Meu Espírito e farei com que sigais os Meus preceitos e observeis e pratiqueis as Minhas leis” (Ez 36, 26-27). No Salmo 51, 12-ss., pela primeira vez, ao Espírito é dado o título de “Santo”, associando-o ao processo de ser purificado e renovado no coração.

A diferença fundamental é que a ação carismática do Espírito passa através da pessoa, sem permanecer nela; o seu objetivo não é o melhoramento da pessoa concreta, mas antes o bem da comunidade. Essa pessoa pode não se tornar mais santa através do carisma que recebeu; pode até abusar do dom e transformá-lo num motivo de sua condenação, como mostra a história de Saul e de Salomão. Pelo contrário, a ação santificante do Espírito permanece na pessoa que a recebe, renovando-a e transformando-a a partir do interior.

A teologia escolástica exprime esta mesma distinção definindo o carisma como “uma graça gratuitamente dada” (*gratia gratis data*) e a ação santificante do Espírito como uma “graça que torna a pessoa agradável a Deus” (*gratum faciens*).

A primeira linha voltará a emergir na revelação do Novo Testamento relativa aos carismas, aos dons e às obras do Espírito Santo manifestados, primeiro em Jesus de Nazaré e, mais tarde, depois do Pentecostes, na Igreja. A segunda linha encontra o seu ponto culminante naquilo que será chamado “a ação santificante do Espírito” (Tt 2, 13; 1 Pd 1, 2), que consiste numa vida nova no Espírito e, mais concretamente, na caridade.

Na carta aos Coríntios, Paulo faz uma síntese destas duas obras do Espírito, falando primeiro dos carismas (cap. 12) e depois (cap. 13) do amor. Embora reconheça que ambas as linhas são necessárias à Igreja, ele sublinha claramente a superioridade da caridade.

O amor, e não o falar em línguas, é para ele o verdadeiro sinal da presença do Espírito. Mesmo falar todas as línguas dos homens e dos anjos, sem amor, não teria qualquer utilidade (1 Cor 13, 1). Nem todos falam em línguas (1 Cor 12, 30: “Têm todos o dom de curar? Falam todos em línguas?”), mas todos são capazes de amar.

Ação carismática e santificante do Espírito no relato do Pentecostes

Procuremos agora ver como estes dois modos de agir do Espírito Santo estão ambos presentes no relato do Pentecostes, em Atos 2:

A ação santificante e transformadora do Espírito Santo é expressa na ligação que o autor estabelece em Atos 2, 1-4 entre o Pentecostes e o Sinai (Ex. 19-ss) e na implícita citação de Ezequiel 36 acerca de um coração novo. Descendo sobre a Igreja no dia do Pentecostes, quando Israel celebrava o dom da Lei escrita pelo dedo de Deus em tábuas de pedra no Monte Sinai, o Espírito Santo aparece como a nova lei interior, “a Lei do Espírito” (Rm 12, 2), escrita pelo dedo de Deus, desta vez não em tábuas de pedra, mas nos corações das pessoas, operando através do amor e conduzindo as línguas e os povos para uma nova unidade.

Esta ação transformadora do Espírito torna-se visível na conversão radical dos apóstolos. De estarem centrados em si mesmos passam a estar centrados em Cristo. Já não interessados em estabelecer quem é entre eles o mais importante, proclamam agora as maravilhas de Deus e o senhorio de Cristo (At 2, 11.36). De quererem “fazer um nome para si próprios”, como os construtores de Babel (Gn 11, 1-ss), querem agora fazer apenas o Nome de Deus. Um coração de carne tomou o lugar do coração de pedra.

Por outro lado, a ação carismática do Espírito Santo é sublinhada pela insistência no dom das línguas e pela citação de Joel, na qual se fala de profecias, visões, sonhos, milagres e sinais (At 2, 13-21). De facto, todo o relato do Pentecostes tende a apresentar o Espírito como poder do alto dado à Igreja para lhe permitir levar a Boa Nova até aos confins da terra, como Espírito missionário e profético.

A ação carismática e santificante do Espírito no Renovamento Carismático

Estes dois modos de agir do Espírito foram reunidos e manifestaram-se de modo dramático primeiro no avivamento pentecostal iniciado na Azusa Street há cem anos e, depois, no Renovamento Carismático das Igrejas Católicas, há quarenta anos. Contudo, com um acento ligeiramente diferente, pois os Pentecostais em geral dão maior relevo às manifestações carismáticas e os Carismáticos (apesar do nome) põem em destaque a ação santificante do Espírito e o papel dos sacramentos.

O que direi a este propósito refere-se fundamentalmente ao Renovamento Carismático Católico, mas, em certo sentido, aplica-se também à experiência pentecostal.

Primeiro, a ação santificante e a transformação interior. Yves Congar, um dos principais teólogos do Concílio Vaticano II, na sua mensagem ao Congresso Internacional de Pneumatologia realizado no Vaticano por ocasião do décimo sexto centenário do Concílio Ecuménico de Constantinopla de 381, disse:

«Como poderíamos não considerar aqui entre nós a chamada corrente carismática, mais conhecida como Renovamento no Espírito? Difundiu-se como um fogo de palha. É muito mais do que um entusiasmo passageiro. Num primeiro aspeto, assemelha-se aos movimentos de avivamento do passado: o carácter claro e verificável da ação espiritual que muda a vida das pessoas. Traz juventude, frescura e novas possibilidades ao seio da velha Igreja, nossa mãe. De facto, salvo raríssimas exceções, o Renovamento permaneceu dentro da Igreja e, longe de desafiar as instituições de longa tradição, reanima-as».

O resultado mais comum do baptismo no Espírito é uma nova consciência e experiência do amor de Deus. A resposta quase unânime à pergunta: “Qual foi a principal bênção que o Renovamento Carismático trouxe à tua vida?”, colocada tendo em vista a Newman Consultation realizada em Birmingham no verão de 2005, foi esta: «pela primeira vez dei-me conta de que era amado por Deus, experimentei o amor e a ternura de Deus, compreendi o que significa ser filho ou filha de Deus». É Paulo quem descreve a descida do Espírito deste modo: “O amor de Deus foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (Rm 5, 5).

Através do chamado “baptismo no Espírito” (expressão usada por Jesus, em At 1, 5), as pessoas experimentam a presença ativa do Espírito Santo na sua vida, a Sua unção na oração, o Seu poder no ministério, a Sua consolação nas tribulações, a Sua luz nas escolhas que fazem. Este é o primeiro modo como percebem o Espírito Santo, que as transforma a partir do interior, lhes dá o desejo de louvar Deus e o gosto pela oração de louvor, as conduz à descoberta de uma nova alegria na vida, abre a sua mente à compreensão da Escritura, ensina-as a clamar “Abba, Pai” e “Jesus é o Senhor”, dá-lhes a coragem de assumir tarefas novas e difíceis ao serviço de Deus e do próximo.

E que dizer acerca da segunda ação, os carismas?

O Renovamento Carismático Católico foi uma resposta à oração de João XXIII por “um novo Pentecostes para a Igreja” e a realização prática de *Lumen Gentium* 12, que trouxe novamente os carismas para o coração da Igreja Católica. De estarem confinados à hagiografia (as vidas dos santos),

os carismas tornaram-se agora objeto da eclesiologia (o estudo da Igreja), dando um novo fundamento e dignidade ao papel dos leigos dentro do Corpo de Cristo. Aquilo que é único no despertar, quer pentecostal quer carismático, é o reaparecimento de alguns carismas especiais, chamados “carismas pentecostais”, que eram comuns na comunidade cristã primitiva, mas praticamente desconhecidos durante séculos (ver 1 Cor 12-14).

Houve, e ainda existe, uma certa tensão entre os Pentecostais e os Carismáticos acerca das duas obras do Espírito, pois alguns sublinham mais a ação santificante (santidade pessoal, sacramentos, oração, devoção mariana, no caso dos Católicos), enquanto outros, pelo contrário, sublinham a manifestação dos carismas, especialmente no ministério da cura.

No início do movimento pentecostal, enquanto William J. Seymour dava muita importância à oração e à santidade pessoal, Charles Fox Parham insistia mais nos sinais visíveis da presença do Espírito, sobretudo o falar em línguas, que era para ele a “primeira prova” da presença do Espírito numa pessoa.

Em alguns casos (como aconteceu com William Seymour e Charles Parham), isto causou tensões e divisões. A lição que tiramos da Bíblia é que as graças santificantes e carismáticas devem ser mantidas unidas, pois procedem do mesmo Espírito e servem o mesmo fim: a edificação do Corpo de Cristo.

Uma vez que ninguém pode, por si só, esgotar a plenitude do Espírito, para alcançar este objetivo é necessário permitir, na prática, uma certa flexibilidade e liberdade, cada um reconhecendo o dom do outro, “como bons administradores da multiforme graça de Deus” (1 Pd 4, 10).

Poderemos então fazer um balanço triunfalista dos primeiros 100 anos do Pentecostalismo e dos 40 anos do Renovamento Carismático Católico? Não. Como muitas outras realidades humanas dentro da Igreja, mostrou também aspetos problemáticos, excessos, divisões e faltas. Uma coisa, contudo, não deve ser silenciada, sobretudo estando nós aqui reunidos neste centro “Pro Unione” para trabalhar em prol da unidade dos Cristãos.

A nova experiência de Pentecostes contribuiu imensamente para a unidade dos Cristãos.

Eu próprio devo a minha conversão ao ecumenismo ao meu batismo no Espírito Santo.

O Senhor usou comigo o mesmo método que utilizou para convencer Pedro a acolher os gentios na Igreja. Conduziu Pedro à casa de Cornélio e tornou-o testemunha das mesmas manifestações do Espírito no Pentecostes que eram concedidas também aos gentios. Não pôde deixar de tirar a conclusão: “Se, pois, Deus lhes concedeu a mesma graça que a nós...”

“Se, pois, Deus lhes concedeu a mesma graça que a nós, que acreditámos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu para me opor a Deus?” (At 11, 17). Há cem anos, e ainda há quarenta anos, o Senhor começou a impelir-nos para a unidade e a aceitação recíproca, concedendo os mesmos dons, muitas vezes do mesmo modo, a Cristãos de diferentes denominações.